



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, VIOLÊNCIA NA GRAVIDEZ E TRANSMISSÃO ENTRE GERAÇÕES

**RELATÓRIO EXECUTIVO III
PRIMEIRA ONDA • 2016**

**PCSVDF^{MULHER} • PESQUISA DE CONDIÇÕES
SOCIOECONÔMICAS E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
E FAMILIAR CONTRA A MULHER**



“Uma das maiores motivações do Instituto Maria da Penha para propor esta pesquisa ao coordenador geral, prof. José Raimundo Carvalho/ Universidade Federal do Ceará, foi a questão das vítimas invisíveis da violência, os órfãos, um ponto que muito me sensibiliza. Na hora em que fui atingida por um tiro nas costas enquanto dormia, roguei a Deus que me deixasse viver para que minhas filhas não ficassem órfãs de mãe. Deus me ouviu e eu sobrevivi para contar a minha história e contribuir com a criação de uma lei que considero a carta de alforria das mulheres do meu país.

Em nossa atuação, sempre sentimos falta de dados estatísticos que reforçassem nosso discurso sobre os prejuízos da violência doméstica na vida da mulher e de seus filhos e a pesquisa veio comprovar aquilo que já tínhamos conhecimento, mesmo que de forma experimental. Ficamos extremamente chocados com os dados que mostram que 6,2% das mulheres nordestinas já tiveram alguma experiência de violência durante a gravidez. Outro fator preocupante são os indícios sobre o mecanismo de Transmissão de Violência Doméstica entre Gerações e, ainda, que as desigualdades raciais se repetem na prevalência de violência doméstica da geração passada. Temos que trabalhar arduamente para rompermos esse ciclo. A violência doméstica não é um problema só de mulheres, que deva ser tratado só por mulheres e apenas na esfera social. É um problema de todos e todas que deve ser amplamente discutido se quisermos realmente enfrentar esse mal que mata as nossas mulheres e deixa órfãs as nossas crianças.”

MARIA DA PENHA

Inspiradora da Lei Maria da Penha 11.340/06
Fundadora do Instituto Maria da Penha



“O Instituto Avon acredita na educação como a ferramenta mais eficaz para o enfrentamento da violência contra a mulher. Nossas ações, ao longo dos últimos 10 anos, têm sido pautadas nesse sentido, ao oferecermos acesso a conteúdos que nos permitam atuar de forma preventiva, orientando e mobilizando a sociedade sobre essa causa tão urgente.

Por isso, estamos muito honrados em sermos apoiadores da PCSVDF^{Mulher}, mais especificamente do relatório que trata sobre Violência na Gravidez e Transmissão entre Gerações. Esse estudo inovador e sem precedentes no Brasil e na América Latina endossa, com alto rigor científico, a nossa linha de atuação focada na disseminação de informação e na divulgação do trabalho brilhante que vem sendo exercido por organizações e acadêmicos brasileiros do porte do Instituto Maria da Penha e da Universidade Federal do Ceará. Por meio de nossa imensa rede de relacionamento, composta por mais de 1,5 milhão de Revendedoras, e pela grande penetração da Avon nos lares brasileiros, continuaremos atuando como protagonistas no enfrentamento da violência contra a mulher no país, ampliando nosso potencial de influência em políticas públicas que possam, efetivamente, mudar a realidade desta e de futuras gerações.”



DANIELA GRELIN

Gerente sênior do Instituto Avon

PCSVDFMULHER:

CARACTERÍSTICAS, METODOLOGIA E AMOSTRAGEM

A Lei Maria da Penha, que completou 10 anos em 2016, trouxe grandes avanços no entendimento da violência doméstica como um problema que extrapola as questões de criminalidade, desenvolvimento econômico ou saúde pública. Porém, faltavam dados que mostrassem, de forma abrangente e aprofundada, como os fatores socioeconômicos e as relações de poder e de decisão nos domicílios têm influência direta sobre a violência doméstica.

Dessa necessidade, nasceu a **Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (PCSVDF^{Mulher})**, um trabalho inédito de cientistas nacionais e internacionais¹ que compila, pela primeira vez, um conjunto de dados único e longitudinal que aborda a violência doméstica, a alocação de recursos e distribuição do poder de barganha no domicílio, a saúde, as crianças e seu desenvolvimento cognitivo-emocional e as inter-relações entre todos esses fatores por meio de uma abordagem interdisciplinar.

A pesquisa, sem precedentes no Brasil e na América Latina, se diferencia sob diversos aspectos:

- **Tamanho amostral:** mais de 10 mil mulheres entrevistadas nas 9 capitais do Nordeste;

- **Caráter longitudinal:** cada família passou por duas rodadas de entrevistas (em 2016 e 2017) para a construção de uma base de dados que considera os impactos sociais, econômicos e demográficos sobre a questão da violência doméstica dentro desse espaço de tempo;
- **Representatividade:** o foco da pesquisa é extremamente abrangente, permitindo um retrato fidedigno de todas as mulheres entre 15 e 50 anos residentes nas capitais do Nordeste, vítimas ou não de violência doméstica, de todas as esferas socioeconômicas, étnicas e religiosas;
- **Rigor metodológico:** seguindo todas as recomendações da Organização Mundial da Saúde e padrões éticos, que incluíram a seleção de entrevistadoras apenas do sexo feminino com, no mínimo, nível superior incompleto, e nove treinamentos de 40 horas, liderados pelo Instituto Maria da Penha.

Este relatório, que aborda as questões de Violência na Gravidez e Transmissão entre Gerações, mostra como o mecanismo de Transmissão Intergeracional de Violência Doméstica (TIVD) pode estar exercendo um papel importante na manutenção das altas taxas de violência doméstica na região Nordeste e a alta prevalência de violência doméstica na gravidez, com um perfil etário, étnico e socioeconômico bastante definido.

AMOSTRAGEM

A amostra da PCSVDF^{Mulher} é composta por mais de 10.000 mulheres, sendo quantitativa, probabilística e representativa das moradoras das nove capitais do Nordeste, com idades entre 15 e 50 anos.

Para o estudo do tópico *Violência na Gestação*, a análise se restringiu às mulheres entrevistadas pela PCSVDF^{Mulher} que tiveram pelo menos uma experiência de gravidez ao longo da vida, resultando em 4.056 mulheres que, efetivamente, responderam questões relativas à experiência de violência na gestação.

//

Me sinto muito gratificado de a Universidade Federal do Ceará estar trabalhando com o Instituto Maria da Penha e, juntos, termos realmente mudado o panorama de pesquisa científica na área ao propor um estudo rigoroso, que segue padrões internacionais de ética e qualidade.

//

Prof. José Raimundo Carvalho
Coordenador Geral da Pesquisa
CAEN/Universidade Federal do Ceará

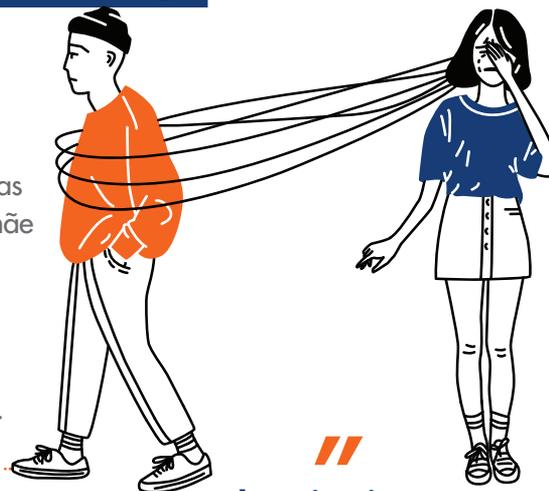
Cidade	Mulheres idade ≥ 16	Questionários Aplicados (A)	Questionários Válidos (B)	Taxa de Sucesso % (B)/ _(A)	Erro Amostral (%)
Aracaju, SE	237.539	1.105	1.007	91,13	3,0
Fortaleza, CE	1.008.016	1.259	1.221	96,98	3,0
João Pessoa, PB	300.369	1.230	1.117	90,81	3,0
Maceió, AL	372.426	1.195	1.018	85,19	3,0
Natal, RN	332.429	1.296	1.078	83,18	3,0
Recife, PE	656.569	1.472	1.308	88,86	3,0
Salvador, BA	1.132.133	1.397	1.202	86,04	3,0
São Luís, MA	410.713	1.283	1.143	89,09	3,0
Teresina, PI	331.707	1.174	1.000	85,18	3,0
Total	4.781.901	11.411	10.094	88,46	1,0

Fonte: Elaborada pelos Autores

¹A seguinte equipe de pesquisadores trabalhou na PCSVDF^{Mulher}: José Raimundo Carvalho (Coordenador Geral da Pesquisa/CAEN/Universidade Federal do Ceará e LECO/CAEN, Brasil – Pesquisador Principal/Coordenador do Projeto), Heidi Colleran (Max-Planck-Institut für Menschheitsgeschichte, Alemanha), Thierry Magnac (University of Toulouse, França), Miriam Muller (World Bank, USA), Elizaveta Perova (World Bank, USA), Victor Hugo de Oliveira (IPECE e LECO/CAEN, Brasil), Clément Quintana-Domeque (University of Oxford, Reino Unido), Eva Raiber (University of Toulouse, França), Paul Seabright (Institute for Advanced Study in Toulouse, França), Jonathan Stieglitz (Institute for Advanced Study in Toulouse, França).

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA HERANÇA DE PAIS PARA FILHOS

O contato com a violência doméstica se inicia, muitas vezes, na infância, quando a criança presencia a mãe sendo agredida por seu pai biológico ou parceiro. Há estudos² que sugerem que crianças expostas à violência doméstica têm maior probabilidade de se envolverem em relações violentas durante a vida adulta. É a transmissão da violência entre gerações.



CERCA DE 1 EM CADA 5 MULHERES TEVE CONTATO COM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A INFÂNCIA OU ADOLESCÊNCIA

“Até onde você lembra, quando você era criança, sua mãe era agredida pelo seu pai biológico (ou por um parceiro, caso ela não morasse com o seu pai biológico)?” Questão 803 da PCSVDF^{Mulher}

23%

Lembram que a mãe foi agredida

77%

Lembram que a mãe não foi agredida

A PESQUISA SUGERE QUE O RESULTADO DE 23% SEJA AINDA MAIOR, POR DOIS MOTIVOS:

1. Apenas um tipo bem específico de violência física é considerado pelas entrevistadas;
2. Falhas de memória das entrevistadas, conscientes ou inconscientes.

“Até onde você saiba, a mãe do seu parceiro atual era agredida ou espancada pelo parceiro dela?” Questão 805 da PCSVDF^{Mulher}

13%

Sabem que a mãe do parceiro era agredida

87%

Não sabem se a mãe do parceiro foi agredida

//
Pela primeira vez na América Latina, estamos comprovando que há um link entre as gerações. Se a gente conseguir diminuir a violência hoje, vamos não só melhorar a vida das mulheres que estão vivendo agora como também das pessoas que viverão daqui a 15, 20 anos.

//
Prof. José Raimundo Carvalho
Coordenador Geral da Pesquisa
CAEN/Universidade Federal do Ceará

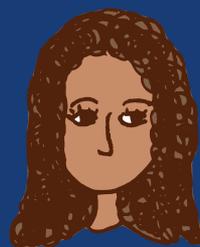
O PESO DA DESIGUALDADE RACIAL

Ao dividirmos as entrevistadas em dois grupos – negras e brancas - vemos que fatores como raça e etnia têm impacto direto na questão da violência doméstica. Entre as entrevistadas negras, 1 em cada 4 se lembra de agressões sofridas pela mãe. O resultado é sensivelmente menor entre as entrevistadas brancas: 1 em cada 5.

A realização de um teste-t³, que considera uma margem de segurança entre as amostras, reforça que a desigualdade étnico-racial no Brasil é um fator importante na transmissão da violência doméstica entre gerações.

³ Valor do teste = 3.0597

LEMBRAM QUE A MÃE FOI AGREDIDA



Negras

24%



Branças

19%

LEMBRAM QUE A MÃE NÃO FOI AGREDIDA



Negras

76%



Branças

81%

QUANTO MENOR A RENDA, MAIOR A INCIDÊNCIA DE VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA

Quando dividimos as entrevistadas por faixa de renda atual, notamos que aquelas com menor ganho são as que mais estiveram expostas à violência doméstica na infância. Conforme a faixa de renda aumenta, diminui a probabilidade de ter ocorrido violência contra sua mãe quando criança.

A pesquisa evidencia: a classe econômica tem papel importante na prevalência da violência doméstica durante a infância das entrevistadas.

RENDA ATUAL ENTRE R\$ 1,00 E R\$ 10,00 POR HORA



23%

Lembram que a mãe foi agredida

77%

Lembram que a mãe não foi agredida

RENDA ATUAL ENTRE R\$ 10,00 E R\$ 20,00 POR HORA



13%

Lembram que a mãe foi agredida

87%

Lembram que a mãe não foi agredida

RENDA ATUAL ENTRE R\$ 20,00 E R\$ 30,00 POR HORA



12%

Lembram que a mãe foi agredida

88%

Lembram que a mãe não foi agredida

TRANSMISSÃO ENTRE GERAÇÕES: A VIOLÊNCIA QUE GERA VIOLÊNCIA

Uma criança que cresceu em um lar violento pode vir a repetir o mesmo padrão em seu próprio lar, quando adulta. É a Transmissão Intergeracional de Violência Doméstica (TIVD), um mecanismo de perpetuação da violência que, segundo estudos, sugere maior incidência de violência doméstica em lares onde a mulher, seu parceiro ou ambos estiveram expostos à violência na infância.

4 EM CADA 10 MULHERES QUE CRESCERAM EM LARES VIOLENTOS SOFRERAM VIOLÊNCIA

**MULHER LEMBRA QUE
A MÃE FOI AGREDIDA**

42%

Sofreram violência
ao longo da vida

58%

Não sofreram violência
ao longo da vida

**MULHER LEMBRA QUE
A MÃE NÃO FOI AGREDIDA**

22%

Sofreram violência
ao longo da vida

78%

Não sofreram violência
ao longo da vida

O IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO COMPORTAMENTO MASCULINO: 4 EM CADA 10 MULHERES CUJO PARCEIRO CRESCEU EM UM LAR VIOLENTO DECLARAM TER SIDO AGREDIDAS AO LONGO DA VIDA

**MULHER SABE QUE A MÃE
DO PARCEIRO ERA AGREDIDA**

42%

Sofreram violência
ao longo da vida

58%

Não sofreram violência
ao longo da vida

**MULHER SABE QUE A MÃE DO
PARCEIRO NÃO ERA AGREDIDA**

23%

Sofreram violência
ao longo da vida

77%

Não sofreram violência
ao longo da vida



VIOLÊNCIA DURANTE A GESTAÇÃO: A AGRESSÃO AINDA NO ÚTERO

Essa é a realidade para **6,2% das mulheres entrevistadas⁴ que já engravidaram**. Mais do que ameaçar a saúde e bem-estar da mulher, a violência durante a gestação pode trazer graves consequências para as futuras gerações. Traumas diretos ao feto, incluindo morte fetal, e comportamentos de risco adquiridos por estresse da mãe, como tabagismo, alcoolismo e indução ao aborto⁵, são alguns dos possíveis efeitos da agressão à gestante.

MULHERES COM MENOR GRAU DE INSTRUÇÃO TÊM 10 VEZES MAIS INCIDÊNCIA DE VIOLÊNCIA NA GESTAÇÃO

9,4%

Entre mulheres sem instrução ou com ensino fundamental incompleto, **9,4%** foram agredidas durante a gestação.

0,9%

Enquanto entre mulheres com nível superior, **0,9%** já foram agredidas durante a gestação.



DESSAS MULHERES, 2 EM CADA 3 SÃO NEGRAS OU PARDAS

77,4%

das mulheres agredidas durante a gestação são negras ou pardas.

//
Os dados da pesquisa mostram que as jovens gestantes e com baixa escolaridade estão mais expostas à violência doméstica. Para esse grupo de mulheres, não somente suas vidas estão em risco, como também a vida ainda no útero

//
Victor Hugo de Oliveira
Pesquisador do projeto – IPECE e LECO/CAEN, Brasil

A POUCA IDADE COM FATOR DE RISCO

- Entre as jovens de 15 a 24 anos de idade, **7,08%** reportaram agressão física enquanto grávidas;
- Enquanto entre mulheres adultas de 35 a 44 anos, **5,99%** reportaram agressão física na gravidez.

QUANTO MAIS GESTAÇÕES, MAIS VIOLÊNCIA

- Entre mulheres com apenas uma gestação ao longo da vida, **3,11%** já foram agredidas pelo parceiro;
- Enquanto entre mulheres com 4 ou mais gestações, **13,38%** reportaram violência física na gestação.

⁴ Amostra final com 4056 mulheres
⁵ Johri, Morales, Boivin, Samyoo, Hoch, Grazioso, Malta, Sommen, Diaz, Fong, and Arathoon (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher PCSVDF^{Mulher} traz dados importantíssimos e até então desconhecidos sobre os impactos da violência doméstica, preenchendo uma lacuna sobre o tema no Brasil e na América Latina e revitalizando o debate para o seu enfrentamento.

Este Relatório Executivo III - Primeira Onda – 2016, que trata de Violência Doméstica, Violência na Gravidez e Transmissão entre Gerações, tem como foco principal os efeitos da violência nas futuras gerações, um tema pouco pesquisado e fora do radar da gestão pública. As principais conclusões desta fase da pesquisa são:

a. TIVD – Transmissão

Intergeracional da Violência

Doméstica: o estudo reforça que o mecanismo de perpetuação da violência entre gerações existe, ou seja, uma criança que cresceu em um lar violento pode vir a repetir o mesmo padrão em seu próprio lar, quando adulta;

b. O peso da desigualdade racial:

- A prevalência de violência doméstica na geração passada é maior entre mulheres negras;

- Mais de 2/3 das vítimas de agressão física durante a gravidez são negras ou pardas;

c. A pouca idade como fator de

risco: as jovens são as maiores vítimas de violência doméstica durante a gravidez;

d. Mais educação, menos

violência: mulheres com mais instrução têm menor incidência de violência doméstica durante a gravidez;

e. Quanto mais gestações, mais

violência: mulheres com gestações sucessivas tiveram maior incidência de violência doméstica durante a gravidez.

A expectativa, a partir das conclusões obtidas pela PCSVDF^{Mulher}, é de que gestores e cientistas possam aprofundar a discussão e, principalmente, criar e implementar políticas que reduzam os efeitos devastadores da violência doméstica para as próximas gerações.



PROJETO PCSVDF^{MULHER}: PESQUISADOR PRINCIPAL E COORDENADOR MUNDIAL DO PROJETO José Raimundo Carvalho - CAEN/UFC e LECO/CAEN, Brasil **PESQUISADOR DO PROJETO** Victor Hugo de Oliveira – IPECE e LECO/CAEN, Brasil **PARCERIA E CONSULTORIA CIENTÍFICA NA ÁREA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA** Instituto Maria da Penha – IMP. | **PROJETO DO FOLDER: COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO** Mayra Mezzomo **CONSULTORIA ANALÍTICA** José Raimundo Carvalho e Mayra Mezzomo **COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO** Giuliana Borges **GERENTE SÊNIOR DO INSTITUTO AVON** Daniela Grelin **DIRETOR-EXECUTIVO DO INSTITUTO AVON** Lírio Cipriani **REDAÇÃO E REVISÃO** Fernanda Tomanik Puleghini (MTb: 46.219) **DIREÇÃO DE ARTE** Cristiane Duarte e Ana Carolina Soman da Agência PROS.



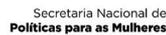
INSTITUTO AVON



Realização:



Financiamento:



Apoio:

